

EDITORIA
GLOBO
JANEIRO 2005
NÚMERO 22
R\$ 9,00

MONET

A SUA REVISTA

NET

MONET
PROGRAMAÇÃO
CULTURA
PERSONALIDADES
ESTILO
TURISMO
MODA
CARROS
GASTRONOMIA
TECNOLOGIA
BELEZA
JANEIRO 2005

PEDRO BIAL
NARRA UM SÉCULO
DE BRASIL E OS
40 ANOS DA
REDE GLOBO NA
BIOGRAFIA DE
ROBERTO MARINHO

O CONTADOR DA HISTÓRIA

SUPERGUIA NET
VEJA "21 GRAMAS",
NA REDE TELECINE



HISTÓRIAS DE UMA VIDA PRIVADA

O REPÓRTER, POETA, DIRETOR E APRESENTADOR
PEDRO BIAL REVÊ O SÉCULO 20 ATRAVÉS DA
TRAJETÓRIA DO JORNALISTA ROBERTO MARINHO

■ ALEXANDRE MARON / FOTOS: EDUARDO MONTEIRO

Pedro Bial está cansado, mas feliz. Quando entra em seu escritório para a entrevista sobre seu livro, “Roberto Marinho”, veste camisa e calças brancas e usa um chinelo confortável. Ele está um pouco abatido porque deu mais de 500 autógrafos no lançamento de sua obra, na noite anterior.

“Eu já nem sabia mais o que escrever nas dedicatórias, estava exausto. Mas aí pensava que ruim seria se não tivesse ninguém ali querendo meu autógrafo e me reanimava”, analisa, com um humor bem Bial.

Aos 46 anos, tem em seu currículo livros, uma sólida carreira de correspondente internacional para a Rede Globo, o “Big Brother Brasil”, para a TV aberta, e o “Rolo Extra”, para o Canal Brasil. Estava em Berlim, na Alemanha, fazendo uma reportagem para o “Fantástico” quando recebeu o convite para escrever o livro e nem pensou duas vezes.

Ao contar a trajetória do jornalista Roberto Marinho, Bial acabou fazendo um passeio pela história recente do Brasil e da criação e desenvolvimento da Rede Globo, que completa 40 anos. Mergulhou de cabeça na árdua tarefa de escrever a biografia em apenas um ano.

Agora, respira aliviado com a deliciosa sensação de missão cumprida.

Ele bebe um gole d’água, se ajeita na cadeira e, sem nenhum traço de hesitação, avisa que está pronto para falar. Leia a seguir os melhores momentos da entrevista.

Como funciona essa sua definição de que o livro é uma biografia autorizada e não-autorizada ao mesmo tempo?

Primeiro, até pra entender o personagem Roberto Marinho, a natureza da autoridade dele, essa biografia não poderia ser autorizada porque a única pessoa que poderia fazer isso morreu. Ele tinha uma autoridade intransferível. O caráter de autorizado que tem é o seguinte: os três filhos tiveram uma confiança inexplicável de me abrir todos os arquivos pessoais. Ficou a meu critério saber o que era pertinente para traçar o perfil dele. Em qualquer acervo de cartas íntimas de uma família, existe material para você fazer uma coisa no estilo de revista de fofoca. Mas, pra mim, o que é pertinente para entender esse sujeito, compor este painel? Então eu entro na intimidade, mas só quando ela serve para pintar esse quadro.

O capítulo inicial, com as frases de amigos entremeadas pela sua narrativa, tem sabor de documentário.

Você queria fazer televisão escrita quando fez aquilo?

É. As frases eram uma tentativa de expor e começar a destrinchar o paradoxo. Eu não sou unidimensional, você também não é. Não conheço nenhuma pessoa que não seja contraditória. As pessoas, aliás, que não são contraditórias, se é que elas existem, são chatíssimas. Então, para abordar esse sujeito em todas as suas dimensões, procurei fazer essa apresentação, principalmente porque ele é a cara do século em que viveu. O século 20 foi muito maniqueísta. Ou você era de um lado ou você era do outro; ou você era bom ou era ruim, comunista ou fascista, né? No entanto, se você for ler esse personagem de forma maniqueísta, vai empobrecer essa história.

Foi difícil escrever o livro trabalhando na Globo?

Eu nem pensei muito nisso, mas eu tinha na cabeça a consciência de que isso viria à tona. “Que isenção você tem sendo um funcionário das organizações?” Então eu fui triplamente rigoroso com todas as informações. Acho, em primeiro lugar, que isenção é um objetivo, mas a gente nunca chega à isenção absoluta. Mas nesse caso, essa busca teria de ser triplamente rigorosa porque eu sou cria, eu comecei como trainee, como estagiário da TV Globo.

E você usa um texto coloquial, com jeito de conversa.

Eu queria falar com o pessoal que vai encarar o século 21. Queria que este texto se relacionasse com aqueles que vão fazer o século 21, aqueles que insistem no Brasil. O Brasil não é um fato consumado, é

ME INCOMODAVA “VIRAR” O PEDRO BIAL E NÃO ME RECONHECER. MAS EU POSSO BAGUNÇAR ISSO. SE EU ACREDITAR NO PERSONAGEM, ESTOU LASCADO

Você pensou muito para aceitar essa empreitada?

A coisa foi meio de supetão. A idéia foi do Luís Erlanger, que é diretor da Central Globo de Comunicação. Eu estava em Berlim [Alemanha] fazendo uma matéria para o “Fantástico” e ele me telefonou com essa proposta. Primeiro para me consultar antes de sugerir o nome. E te confesso que eu não parei muito pra pensar, não. Foi uma coisa meio... É o seguinte, usando uma metáfora que é a minha cara, eu sempre fui surfista de onda grande. Gosto de onda grande. Então, ele me apresentou uma coisa desafiante, ainda mais com o prazo de lançar para o centenário.

Você ficou excitado com a idéia?

Fiquei. E depois de ter aceitado, pensei: “Caramba, será que fiz uma loucura?”. Mas aí o processo já estava desencadeado. O que me restava era mergulhar muito fundo e foi o maior “tour de force” da minha vida. Uma maratona. Para usar uma expressão de um esporte que ele gostava – mergulho, caça-submarina – foi um mergulho em “apnéia”. Uma vez eu vi uma entrevista do Ruy Castro sobre biografias. Ele fala que você fica possuído por uma outra pessoa durante muito tempo. Foi um processo de possessão. Eu fiquei monotemático, não conseguia desligar.

um país ainda não pronto, em construção. Então esse pessoal que vai se ocupar da construção do Brasil no século 21 precisa entender o que foi o século 20. E poucas coisas foram tão representativas, tão emblemáticas quanto a trajetória de Roberto Marinho. Escrevi muito pensando nessa moçada. A outra coisa é que eu admiro muito a clareza, que a pessoa não precise voltar o parágrafo pra entender, que entenda de primeira. Um livro tem que ter alguém lá que diga: “Olha, essa história aqui eu estou contando. Eu sou o Pedro, estou contando isso pra você, foi o que eu consegui descobrir, apurar, e assim estou passando adiante, mas isso não é a voz divina, não é nada. É um Zé Mané que está contando esta história aqui”.

A sua visão sobre ele mudou?

Mudou. Eu tinha admiração e achava impressionante a trajetória dele. Mas era mais uma admiração do que identificação. No fim das contas encontrei vários pontos em comum: o amor pelos esportes, a admiração pelas mulheres... Conforme ele foi se humanizando pra mim – e eu acho que conforme ele vai se humanizando para quem lê o livro – fui naturalmente me identificando mais. Eu não nego: no fim do livro fica evidente que me apaixonando pelo personagem.

Ele fundou a Rede Globo com 60 anos de idade. A TV está fazendo 40 anos em 2005...

Que era uma das coisas que eu sempre admirei. É um fato impressionante o cara começar um negócio aos 60 anos. Lembre-se: em 1965, um homem de 60 anos não é um homem de 60 anos de 2005. Em 1965, um homem desta idade botava o pijama e esperava a morte chegar. E foram 14 anos de perseverança. Ele pediu ao presidente Eurico Gaspar Dutra. O [presidente] Getúlio [Vargas] primeiro dá, depois revoga. Depois, o Juscelino Kubitschek referenda a concessão do Rio e o Jango concede a TV Brasília. Todas as outras emissoras, foi tudo comprado. Ele não ganhou uma concessão sequer dos governos militares, o que desmistifica outra coisa: de que ele foi um grande beneficiário do governo militar. O governo militar não deu nada pra ele, ao contrário, eram relações muito conflitivas. Ele já tinha um aço temperado porque se formou politicamente sobre a ditadura Vargas, que era centralizada. E a ditadura militar era fragmentada.

Voltando um pouquinho nos 40 anos da Globo. Depois de ter narrado a história do fundador, como é que você enxerga essa realização dele?

Uma das chaves para entender Roberto Marinho é que o talento alheio não o intimidava, pelo contrário, o seduzia. Ele sempre se cercou de talentos. E a TV Globo é o que é porque reúne uma quantidade impressionante de talento. Desde Walter Clark, a Guel Arraes e Jorge Furtado, é uma sucessão de talentos.

Você trabalha como repórter, apresenta o “Fantástico”, o “Big Brother”, fez filme, documentário e até CD. Pedro Bial é uma metamorfose ambulante?

Não. Eu gosto do nome porque eu amo Raul Seixas. Quando eu era adolescente, vi quase 20 vezes o primeiro show do Raul, no Teatro Tereza Raquel. Tinha uma frase atrás “Nunca é tarde para começar tudo



NO ‘ROLO EXTRA’, EU SEI QUE ESTOU FALANDO COM QUEM GOSTA MUITO DE CINEMA

de novo”, e adoro essa expressão metamorfose ambulante. Mas existe um senso comum de que você deve ser uma coisa e que de repente você não se reconhece naquilo, você quer ser outra coisa, tem outros desejos. A minha luta é saber o que eu desejo e correr atrás dele. Então é o que eu tenho feito.

Você fez o filme, o documentário, o “Big Brother”. Você tinha alguma dúvida se seria possível fazer isso e continuar a ser um jornalista?

Nunca pensei muito na volta, não. Eu penso muito na ida. Eu só consigo fazer as coisas me entregando totalmente a elas. Eu me entrego mesmo, me envolvo absolutamente. Seja como repórter, seja num fil-

me, o “Big Brother”, o livro... Então, quando você se entrega a algo e faz sinceramente, com honestidade e dedicação, você fica satisfeito. E o que eu acho que tem em comum entre todas estas atividades é o texto, tudo nasce na palavra. Seja um texto escrito, seja um texto para segurar imagem, seja improvisado num programa como o “Big Brother”, mas é a palavra que está na base de tudo. Estas sempre foram as minhas melhores matérias na escola, Português e Redação.

De onde surgiu a idéia do programa “Rolo Extra”? Vem da sua vontade de falar de cinema?

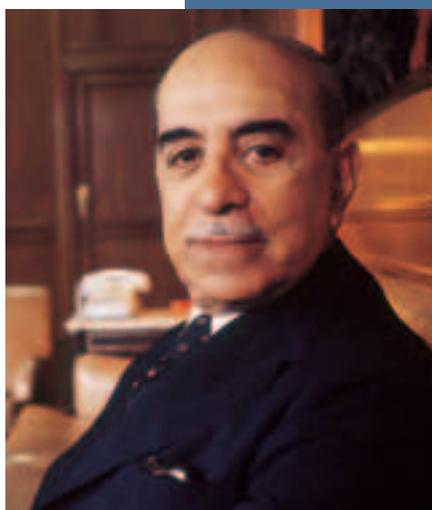
Adoro ler o cinema, chamar a atenção das pessoas para certo tipo de detalhe que às vezes passa despercebido. Observar quais foram as escolhas do diretor, porque filmou daquele jeito. Outra coisa que eu acho legal é que o “Rolo Extra” mostra que o cinema brasileiro existe. Tem esses ciclos e tal, mas existe. Nós temos uma história do cinema brasileiro, tem grandes filmes, as chanchadas.

A TV paga é um bom lugar para você testar esses projetos mais segmentados?

É importante ressaltar que eu não acho nada mais nobre do que nada. Não acho o “Espaço Aberto sobre Literatura”, por ser sobre literatura, mais nobre do que o “Big Brother”, que é um programa de TV popular. Todos têm sua nobreza. E acho que depois do século 20 não dá mais para separar alta cultura de baixa cultura. Agora, o gostoso de TV a cabo é que você sabe com quem está falando, é um público muito determinado. Quando eu faço o “Rolo Extra”, sei que estou falando com gente que curte cinema. Agora, quando eu falo no “Big Brother” estou falando com o Brasil inteiro.

Você se incomoda com a idéia de que, por ser jornalista de TV, virou uma pessoa que interessa para outros jornalistas, virou um pouco celebridade?

Sim, me incomodo com o preço que eu tenho de pagar por essa popularidade. Mas eu até aprendi a lidar. Me incomodava mais “virar” o Pedro Bial e não me reconhecer nele. Mas eu percebi que dá pra bagunçar esse negócio e não levar a sério. No momento que eu acredito no personagem, eu tô lascado, entendeu? Fico mais incomodado quando invadem a privacidade da minha família, dos meus filhos e tal. Eu gostaria de ter minha família preservada. Eles são menores de idade, crianças. Deixem-os em paz!



OS LIVROS

Dois livros foram lançados por ocasião do centenário do jornalista Roberto Marinho. Um deles é “Roberto e Lily” (Record, R\$ 44,90, com renda revertida para a Pastoral da Criança), de

Lily Marinho. O livro narra a paixão que uniu o casal quando Roberto Marinho tinha 84 anos. A autora diz na dedicatória que o livro foi escrito para “todos aqueles que per-

deram a esperança de encontrar o ser amado. Que leiam este livro como um testemunho e a prova de que o amor pode bater à nossa porta – mesmo quando não mais acreditamos nessa possibilidade! Mas é preciso manter o coração vivo e a porta entreaberta...”



“Roberto Marinho” (Jorge Zahar, R\$ 29,50), de Pedro Bial, propõe ser um perfil biográfico, já que Bial estava convicto de que as boas bio-



grafias são feitas em anos. O autor teve acesso a mais de 4 mil documentos e fez dezenas de entrevistas. O resultado é um documento que retrata fielmente um século de Brasil.

MULTISHOW COMEMORA

O Multishow comemora as quatro décadas da Rede Globo com uma programação especial na qual exibirá diversos dos clássicos da emissora dos



últimos 20 anos. Em janeiro, apresenta na Faixa Humor, às 12h e 17h30, Sai de Baixo (segundas), "Armação Ilimitada" (terças e

quintas) e TV Pirata (sex-
tas, foto abaixo, à dir.). Três minisséries de enorme sucesso serão também reapresentadas de segun-



da a sexta, às 16h. De Gilberto Braga, o canal exibe a nostálgica e romântica "Anos Dourados" (de 3 a 14 de janeiro, na foto à esq.), com o amor impossível entre Malu Mader e Felipe Camargo, e a inflamada "Anos Rebeldes" (de 17 a 24), que apresenta nova-

mente Malu Mader, agora fazendo par com Cassio Gabus Mendes. Fechando o mês, o canal exibe "As Noivas de Copacabana" (de 25 a 31, foto no alto), de Dias Gomes



e Ferreira Gullar, em que Miguel Falabella encarna um serial killer. Leia mais sobre a programação especial do Multishow nas páginas 93 e 95 do Superguia.

Uma coisa engraçada é que a maioria dos atores têm horror aos reality shows e eu estou de frente para o "reality showman". E você, como encara o conceito de reality show e a maneira como cria celebridades?

Vários atores e atrizes prestam muita atenção ao reality show e aprendem com aquilo. Têm uma observação cuidadosa, porque, na verdade, aquelas pessoas que estão dentro do "Big Brother" estão em cena 24 horas todo dia. Estão atuando. Cada uma constrói um personagem que resiste mais ou menos tempo, mas é a única maneira de sobreviver naquelas condições funestas, de você não ter um ponto cego dentro da casa. Alguns dos melhores atores e atrizes que eu conheço ficam observando, ainda mais que a novela brasileira é muito naturalista. Conheço vários atores e atrizes amigos meus que beberam do reality show para incrementar suas performances.

E esse ato de fazer o BBB e o "Rolo Extra" tem a ver com o garoto que lia Carlos Drummond de Andrade e quer fazer a ponte entre o popular e o acadêmico?

Pra você ver, minhas duas primeiras paixões de poesia, [Carlos] Drummond [de Andrade] e [Manuel] Bandeira, alta literatura, alta poesia. No entanto "E Agora José?" é uma expressão popular. Nada é mais acessível do que a poesia de Manuel Bandeira ou de Mario Quintana. Quer dizer, eles já antecipavam essa idéia de que você não precisa construir muros entre alta cultura e o resto. Os chamados clássicos – Cervantes, Shakespeare – eram autores populares. Shakespeare escrevia para encher teatro, era extremamente popular. Os clássicos eram os Gilbertos Bragas da época, eram os Manoéis Carlos. Me lembro que até bem pouco tempo a novela era vista pelos acadêmicos como um gênero de quinta categoria. Hoje a academia já aceita a novela. E o livro sobre Roberto Marinho tem muito disso. Quando eu percebi, estava escrevendo mais voltado para o leitor, eu falei: "pô, tem tudo a ver, esse cara dedicou a sua vida ao leitor".

Sem ter vergonha de falar para o gosto médio?

A democracia é isso. A democracia às vezes pode ser mediocrizante porque busca mesmo os interesses do público médio. Agora, que existam sempre os grandes intelectuais com suas torres de marfim. Quem sabe algum dia a gente vai descobrir para o que é que eles servem. □

NET

Assista ao programa **Rolo Extra**, apresentado por Pedro Bial,
BRA • Canal Brasil • 66 • segundas, 22h